



## APRENDER A ENSINAR COM CINEMA: CRIAÇÃO E POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS NO TRAJETO DOCENTE

## LEARNING TO TEACH WITH CINEMA: CREATION AND PEDAGOGICAL POSSIBILITIES IN THE TEACHING PATH

## APRENDER A ENSEÑAR CON CINE: CREACIÓN Y POSIBILIDADES PEDAGÓGICAS EN EL CAMINO DE LA ENSEÑANZA

1

Adriana Gonçalves Ferreira<sup>1</sup>  
Valeska Fortes de Oliveira<sup>2</sup>

**Resumo:** O artigo aponta possibilidades de reinvenção da docência através do cinema e linguagem audiovisual como dispositivo pedagógico, observando o trajeto docente por meio do aprender a ensinar atravessando elementos da linguagem audiovisual presentes nas práticas da pedagogia do Inventar com a Diferença, projeto de cinema, educação e direitos humanos criado por pesquisadores da Universidade Federal Fluminense. Aborda reflexões sobre reconhecer-se, e reinventar-se como docente. Traz o recorte da comunicação e do audiovisual ao encontrar-se com a educação. Observa aspectos voltados para o trajeto percorrido na vida docente, permeado pelo termo “ecossistema de formação”, contextualizando a ferramenta *feedback* aplicada na educação.

**Palavras-chave:** Cinema. Docência. Aprender. Feedback. Reinvenção.

**Abstract:** The essay points to possibilities of reinvention of teaching through cinema and audiovisual language as a pedagogical device, observing the teaching path through learning to teach, crossing elements of the audiovisual language present in the pedagogy practices of Inventar com a Diferença, a film project, education and human rights created by researchers from the Fluminense Federal University. It addresses reflections on recognizing oneself and reinventing oneself as a teacher. Brings the clipping of communication and audiovisual when meeting with education. It observes aspects related to the path taken in teaching life, permeated by the term “training ecosystem”, contextualizing the feedback tool applied in education.

**Keywords:** Movie theater. Teaching. Learn. Feedback. Reinvention.

<sup>1</sup> Educadora Audiovisual, Bacharel em comunicação social-Urcamp (2001), Especialista em comunicação & educação e suas interfaces-Urcamp (2006), Mestra em patrimônio cultural-UFSM (2020), doutoranda no PPGE-Universidade Federal de Santa Maria. <https://orcid.org/0000-0002-3975-64> . [adrianaguasque@gmail.com](mailto:adrianaguasque@gmail.com)

<sup>2</sup> Valeska Maria Fortes de Oliveira, Professora Titular do Departamento de Fundamentos da Educação da Universidade Federal de Santa Maria, orientadora da tese no Programa de Pós-graduação em Educação do Centro de Educação da UFSM. <https://orcid.org/0000-0002-8295-1007>. [vfortesdeoliveira@gmail.com](mailto:vfortesdeoliveira@gmail.com) .



**Resumen:** El artículo apunta posibilidades para reinventar la enseñanza a través del cine y el lenguaje audiovisual como dispositivo pedagógico, observando el camino de la enseñanza a través del aprender a enseñar, cruzando elementos del lenguaje audiovisual presentes en las prácticas pedagógicas de Inventar com a Diferença, proyecto fílmico, educación y derechos humanos elaborado por investigadores de la Universidad Federal Fluminense. Aborda reflexiones sobre reconocerse y reinventarse como docente. Aporta el recorte de comunicación y audiovisual al encuentro con la educación. Observa aspectos relacionados con el camino recorrido en la vida docente, permeado por el término “ecosistema formativo”, contextualizando la herramienta de retroalimentación aplicada en la educación.

**Palabras clave:** Cine. Enseñando. Aprender. Comentario. Reinención.

Submetido 18/07/2022

Aceito 05/03/2023

Publicado 08/03/2023

## Introdução

É possível aprender a ensinar com cinema? Aprender a ensinar, tornar-se professor através de um trajeto que envolve reconhecer-se, inventar-se e reinventar-se como docente por meio da linguagem audiovisual é possível. Esta escrita consiste em apresentar olhares sobre o trajeto de formação docente<sup>3</sup>, a opção de não usar a palavra trajetória e sim trajeto é fundamentar-se no conceito de (SOUTTO, 2011), que a partir de discussões ocorridas no Seminário de Formação de Professores, do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSM, trajetória significa algo que já se viveu até o momento e que traz a conotação de encerramento na docência, e trajeto é algo que caminha em constante desenvolvimento, implicando no que pode vir a ser transformar-se.

Segundo (BRANCHER; OLIVEIRA, 2017) a concepção de desenvolvimento profissional na docência nos parece uma provocação aos professores que, historicamente, ainda têm dificuldades em conceber o seu trabalho como produtor de saberes.

Por meio do letramento audiovisual e do cinema como dispositivo, podemos produzir saberes em conjunto, seja em sala de aula presencial ou virtual, seja através do cinema análise fílmica leitura e produção de imagens, ou por meio da produção audiovisual realizada em espaços de educação, de ambas as formas utilizados no ambiente formal de ensino, que por vezes vai além dos muros da escola.

Trata-se de ser afetado e afetar-se por tal linguagem, utilizando-a como dispositivo para ensinar e aprender. Assim percebo o cinema e a linguagem audiovisual no trajeto da caminhada de tornar-se ou transformar-se em docente. Tais olhares consistem em ocupar e reconhecer-se no lugar de docente, autores como César Migliorin e Isaac Pipano embasam minhas experiências pedagógicas através das vivências no projeto Inventar com a Diferença<sup>4</sup>, o qual me despertou para o ser educadora audiovisual.

Já autores como Marie Christine Josso, suleam a formação a construção do ser professor que habita em mim e as relações estabelecidas com outros, professores e alunos, por meio dos

<sup>3</sup> Trabalho produzido no Seminário Reinventar a Docência nas Redes de Conhecimento, ministrado pela Professora Dóris Pires Vargas Bolzan, Professor, Mário Reinaldo Vásquez Astudillo e Professora Valesca Maria Fortes de Oliveira.

<sup>4</sup> Projeto que visa oferecer formação e acompanhamento a educadores de escolas públicas de todo o país para trabalho com vídeo em torno da temática do cinema, educação e dos direitos humanos. Desenvolvido pela Universidade Federal Fluminense em 2014, descentralizado pelo Brasil em uma cidade de cada Estado.

fazeres do audiovisual na educação, como algo que nomeio como “ecossistema de formação” para compreender esse ambiente de troca de saberes e de escuta.

Também apresento um exemplo que é parte do resultado do processo das práticas de formação com professores, neste caso, unindo cinema, memórias individuais e coletivas, com objetivo de exercitar as práticas no contexto das geografias descoloniais em territórios negros de Porto Alegre. Essa experiência com alunos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em parceria com a professora Adriana Dorffman<sup>5</sup>. Exemplifico em esse resultado para compreender e buscar constatar o que denomino ser esse ecossistema, trago à tona a ferramenta “feedback” oriunda da comunicação.

## Cinema e educação

Não é de hoje que o tema cinema está entrelaçado com o universo presente nas possibilidades do tema educação. De uma forma ou de outra, a exibição de filmes sempre foi utilizada como estratégia para compreensão dos mais variados assuntos que envolvem a sociedade. Essa dinâmica vem sendo experienciada em escolas, universidades, cineclubes, pontos de cultura, bibliotecas, enfim, espaços formais ou informais de educação.

Exemplos de cineastas como Jean-Luc Godard<sup>6</sup>, apresentado em (COUTINHO; SOUTTO, 2013) traz um aporte para a formação humana e para a educação. A partir da produção do cineasta os autores levantam a temática sobre estratégias pedagógicas presentes em seus filmes e que explicitam, nesta obra, uma “pedagogia godardiana”. Ao analisar a narrativa, o sensível olhar do cineasta, os autores propõem aos espectadores, aspectos gerais e específicos dos processos de construção da linguagem cinematográfica de Godard e essa conversação com a educação. Revelando a perspectiva evidente do desejo pedagógico de Godard ensinar o próprio processo de aprendizado.

Por outro lado, propor metodologias de ensino que venham romper métodos tradicionais é desafiador, no entanto, há exemplos de universidades que vem desenvolvendo pesquisas sobre cinema e educação. Pesquisadores do curso de cinema da Universidade Federal Fluminense

<sup>5</sup> Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil, Professora permanente da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.

<sup>6</sup> Foi um cineasta, roteirista e crítico de cinema franco-suíço. Ele ganhou destaque como pioneiro no movimento de filmes franceses da *Nouvelle vague* dos anos 1960.

criaram, em 2013, o projeto Inventar com a Diferença que envolve cinema, educação e direitos humanos. Conforme (ALVES, 2017) reunidos no espaço do Laboratório Kumã<sup>77</sup>, o grupo propõe outras metodologias de ensino por meio de processos artísticos, educação e direitos humanos que possam ser aplicadas pelos espaços educacionais sem que seja necessário o conhecimento das técnicas cinematográficas e da linguagem audiovisual. O foco central do projeto é na formação continuada de professores, buscando compartilhar saberes e práticas que unam o cinema à educação.

Também é o caso de linhas de pesquisas de programas de pós-graduação, como por exemplo o programa de pós-graduação em educação da Universidade Federal de Santa Maria, cuja linha de pesquisa docência, saberes e desenvolvimento profissional, trabalha com a temática de pesquisa: Imaginários, cinemas e formação docente, sob a orientação da Professora Valeska Fortes de Oliveira. Essa temática é atravessada pelo cinema e educação no GEPEIS (Grupo de pesquisa em educação e imaginário social) que existe a 30 anos e faz parte do PPGE. Foi dentro do GEPEIS que me encontrei e passei de fato a me reconhecer como docente, educadora do audiovisual, porque neste grupo venho escutando demais docentes que trabalham com audiovisual e onde também venho desvendando fragmentos do universo de possibilidades do cinema na educação. Neste grupo de pesquisa há formação constante, troca de saberes e reinvenções. Encontrei meu lugar e pude me reconhecer, ainda com certo deslocamento por vir da área da comunicação e do cinema. Como diretora cinematográfica com DRT, entretanto, notei que o mesmo deslocamento que sinto por não pertencer a graduação na área da educação é semelhante ao sentir das docentes que não são da área do cinema e da comunicação. Essa troca entre lugares diferentes que implica nos temas multidisciplinaridade e interdisciplinaridade, é o que me encanta no PPGE da UFSM, especialmente nessa linha de pesquisa, Imaginários, cinemas e formação docente.

Então eu me perguntava: sou professora? O que é ser professora? O porquê desse deslocamento depois de doze anos ministrando oficinas em escolas de educação básica, minicursos, trabalhando com formação de professores em cinema e educação, participando ativamente em projetos de educação, e perpassando experiências de aulas online quando chegou

---

<sup>77</sup> Laboratório de Pesquisa e Experimentação em Imagem e Som -, foi criado em 2009 e tem como coordenador o professor Cezar Migliorin.

a pandemia. E talvez essa seja a questão da reinvenção docente: experimentar, buscar, inventar, criar e reinventar. Descobri um modo de ser professora! Tornei-me professora!

## **Inventar com a diferença, trajeto docente**

O audiovisual sempre me atravessou de maneira hipnotizante! Em 2013 fui selecionada para participar de um projeto chamado Inventar com a Diferença e por ele fui afetada avassaladoramente.

O Inventar nasceu do encontro entre o professor da Universidade Federal Fluminense Cézar Migliorin, a professora Adriana Fresquet da Universidade Federal do Rio de Janeiro e do cineasta francês, crítico e professor de cinema Alain Bergala. Conforme (ALMEIDA, 2014) Bergala foi convidado pelo ministro francês, na época Jack Lang, no ano 2000, para integrar um grupo designado para desenvolver um projeto de educação artística e de ação cultural na Educação Nacional da França, a fim de introduzir a arte no espaço educativo de um modo diferenciado. A tarefa do autor era pensar um plano para o cinema como arte nas escolas públicas francesas (BERGALA, 2002) lança o livro: *A Hipótese-cinema: pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola*, em que apresenta os direcionamentos sobre sua percepção de como deve ser a relação entre cinema e educação sobretudo no espaço educativo formal.

O encontro com Bergala e os docentes do Rio de Janeiro, UFF e UFRJ aconteceu após experiências de um projeto de cinema nas escolas que aconteceu em Nova Iguaçu-RJ, em escolas públicas, onde Migliorin que é um dos professores do curso de licenciatura da UFF, participou do projeto, em parceria com a Secretaria de Cultura de Nova Iguaçu. Posteriormente a essas experiências, estudantes e pesquisadores da UFF acabaram retornando a Nova Iguaçu para atuarem no projeto. Foi então que os professores Cézar Migliorin, Isaac Pipano que na época era professor substituto de fotografia e Luis Garcia que era seu orientando de Mestrado, idealizaram o Inventar com a Diferença. Este projeto visa oferecer formação e acompanhamento a educadores de escolas públicas de todo o país para trabalho com audiovisual em torno da temática do cinema e dos Direitos Humanos. E foi nesse projeto que tive a oportunidade de me inscrever, ao ser selecionada tive a oportunidade de fazer formação na UFF-RJ, retornei à Bagé-RS com objetivo de formar 20 professores em 10 escolas públicas, dois

participantes a cada escola. Destaco que a chamada do projeto buscava pessoas que tivessem alguma experiência com cinema e comunidades, ou grupos sociais. Como recentemente eu havia produzido um videoclipe com jovens egressos da FASE<sup>8</sup> e do sistema prisional, fui selecionada para representar o RS no Inventar.

Éramos chamados de mediadores, e fomos selecionados um por Estado do Brasil, nos reunimos na UFF para uma maratona de formação que apresentava uma pedagogia para ensinar cinema nas escolas, ao receber a formação, cada mediador retornava ao seu Estado, sua respectiva cidade, incumbidos de formar professores de escolas públicas.

Assim aprendi e ensinei, praticamente ao mesmo tempo. Devo dizer que ao aprender a ensinar, houve troca, adaptação, invenção e reinvenção. Foi ali que fui apresentada a palavra “dispositivo” tão citada durante os dias de formação. Atualmente entendo melhor o sentido da palavra ao me deparar com o GEPEIS<sup>9</sup> no PPGE-UFSM<sup>10</sup>. O dispositivo age, segundo (VASCOLCELLOS; OLIVEIRA, 2014) como um causador, algo que provoca formação, fornecendo condições que podem ou não acontecer, suceder, os dispositivos são os meios para que ocorram o desenvolvimento e a formação, e, ao mesmo tempo, não são garantias de que esta ocorra. Olhei para atrás e tudo fez sentido, pensando em algumas experiências exitosas, outras não, envolvendo o cinema como dispositivo, dependendo também do espaço, do professor parceiro, da turma de alunos, do contexto entre os envolvidos.

Ao refletir sobre a formação que tive a oportunidade de participar na UFF, a formação que posteriormente sistematizei junto a professores de 10 escolas, compartilhando saberes e práticas, o conteúdo desse ensaio dialoga com (NÓVOA, 2022) no que se refere a comunidades de conhecimento e trabalho coletivo.

A passagem de uma identidade individual a uma constituição coletiva é essencial para a emergência de um conhecimento profissional docente. É indispensável valorizar os diálogos e encontros profissionais e os dispositivos que permitem a cooperação e a colaboração; ou, dito de outro modo, que permitem um trabalho de reflexão, de partilha e de análise, no seio de “comunidades de conhecimento” organizada por professores. (Nóvoa, 2022, p. 10).

<sup>8</sup> Fundação de Atendimento Socioeducativo.

<sup>9</sup> Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Imaginário Social.

<sup>10</sup> Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria.

## **Reinvenção da docência, aprender a ensinar com cinema e linguagem audiovisual**

Em 2014 fiquei um ano acompanhando professores nas escolas, eram 10 escolas. Entre elas, uma turma de ensino médio, uma do EJA, sete entre quinto e nono ano e uma de educação especial. Foi um desafio, juntar-me a professores(as) e aplicar a prática da pedagogia do inventar lançada nos cadernos do inventar, (MIGLIORIN, 2016).

Em 2016 abriu a segunda chamada na UFF, para mediadores do projeto, desta vez não para formação, e sim para apresentação de projeto visando a continuidade, todavia, para discutirmos as experiências vividas anteriormente. Foi uma ebulição de ideias, questionamentos e discussões. No entanto 2016 foi a oportunidade do feedback, que abordamos adiante aqui no texto.

Naquele ano propus um projeto em uma escola apenas, o Instituto Federal Sul Riograndense, retornei e passei o ano todo no IFSUL - campus Bagé, uma vez por semana, junto ao professor de sociologia Lisandro Moura. Comecei a entender que me tornara uma pessoa em formação e tornar-se formador implica em se interessar por outras pessoas e se desenvolver o caminho docente a partir dessas relações, pessoas, territórios, possibilidades, e metodologias, dispositivo que desponta ensinar e aprender. Evoluir.

Aplicamos a pedagogia do inventar, dessa vez inventando, somando novas ideias, que partiam de mim, do professor e dos alunos, reinventamos a pedagogia que já existia, criada pelos pesquisadores da UFF, fazendo com nosso jeito de fazer, ouvindo uns aos outros, reinventando formas, inspiradas em múltiplos olhares, também trazendo experiências da minha vida profissional de realizadora audiovisual, e tudo acontecia na hora da realização das práticas. Nos encontrávamos no auditório, na sala de aula, no pátio da escola, nas ruas do bairro que cercam a escola e numa comunidade quilombola. Professores, alunos, comunidades. Comecei a me acostumar a ser chamada de professora!

Percebi o universo audiovisual como dispositivo no universo da educação, os anos que se sucederam desde a experiência do videoclipe com jovens em situação de vulnerabilidade em 2010, as escolas por onde passei formando professores e me tornando professora através da linguagem audiovisual, me colocaram em um lugar que resolvi permanecer, porque fui ficando naturalmente, esse lugar se chama cinema e educação. É um lugar de troca, de criação, que não estabelece limites, pois letrar-se na linguagem audiovisual é algo que transcende olhares,



exercícios, leituras de imagens, filmar o outro, filma-se, perceber, transver, brincar, colocar-se no lugar do outro, ver um filme, fazer um filme, apenas um plano, fazer de conta que é cinema, inspira-se nele. É quando o cinema causa, afeta, transcende, ensina, aprende, faz pensar no existir e olhar o mundo ao redor.

Passei a aplicar as práticas dos exercícios do inventar como ponto de partida, com abertura de que não precisavam ser praticados na sua íntegra e sim podendo ser modificados conforme as novas ideias dos professores e da turma de alunos, e também conforme o território trazia.

Fizemos um curta-metragem chamado Fronteira<sup>11</sup>, em uma escola situada na fronteira do Brasil com Uruguai, Aceguá. Este é um exemplo do cinema como dispositivo naquele território, para ensinar, aproximar, trocar, afetar-se como grupo e também na individualidade de cada um.

Ao praticar os exercícios propostos pela pedagogia do inventar, que envolve criação de um plano através dos *minutos lumière*, escalas de plano com o “*Lá longe, aqui perto*”, e o *fotografia narrada*<sup>12</sup>, naturalmente os alunos saem da escola e colocam seus corpos se relacionando com o espaço, o território e a criação vai ocorrendo.

Ao relacionar-se através desses olhares que envolvem a paisagem natural, a cultura, a professora de geografia acompanha e também pratica os exercícios tornando-se aluna em igualdade espacial, todos em volta da câmera, eu como mediadora entre o cinema e os olhares trazidos pelo grupo, todos em horizontalidade espacial, em pé, em volta da câmera, inclusive a câmera assume um lugar na mesma altura, entre todos.

Depois do filme pronto nos tornamos todos expectadores da nossa obra coletiva, a professora de geografia provoca o entender-se na geografia cultural, e traz esse processamento atravessado pelo filme, os alunos se percebem no território como seres pertencentes a geografia cultural. Como mediadora, aprendo a ensinar com cinema, e tudo acontece pela sistematização do cinema como dispositivo que nos atravessa, individual e coletivamente. Primeiro fazemos, depois percebemos o que aprendemos.

<sup>11</sup> Nasce de uma experiência educativa de cinema na escola, através do projeto "Inventar com a Diferença" com jovens habitantes da cidade fronteiriça Aceguá-Brasil-Uruguai, experimentam exercícios da linguagem audiovisual, voltando olhares para o lugar onde vivem, filme disponível em <https://youtu.be/IxXkYC7ZebS>

<sup>12</sup> Exercícios práticos da pedagogia do projeto Inventar com a Diferença.

A quebra de paradigmas foi importante para perceber que educar pode ser algo incessante, e isso pode despontar aberturas para romper com a educação tradicional. Assunto tão discutido na atualidade, e continuamos com o modelo tradicional, sala de aula, quadro, alunos enfileirados um atrás do outro, professor fala, turma escuta. Não funciona mais a escola precisa respirar. Talvez olhares de docentes estrangeiros, e professor de interdisciplinaridade, aqueles que advêm de outras áreas possam contribuir para avanços tão almejados.

### **Feedback como auxílio para possibilidades de reinvenção da docência**

O feedback é uma importante ferramenta de análise de uma mensagem, na comunicação segundo (SANT'ANNA, 1999) é um fenômeno que traz o retorno do efeito de uma divulgação, seja de uma notícia, campanha publicitária, enfim, de uma mensagem divulgada nas mídias. Significa uma reação obtida do receptor para o emissor e pode ser obtida através de opinião de forma espontânea ou provocada através da solicitação de respostas.

Conforme (MOURAZ, 2023), durante aula síncrona realizada dia 12 de janeiro, o feedback na educação segundo Boud, Molloy, Hattie e Timperley (2013, 2007 apud MOURAZ, 2023) é o processo de selecionar e devolver a informação relevante, providenciada por um agente externo, relativa aos aspectos que determinam a prática e a compreensão de alguém.

Portanto, o feedback é capaz de fazer com que o docente possa atingir a melhoria das suas práticas pedagógicas, bem como da própria reinvenção dessas práticas. Segundo Casanova (2021 apud MOURAZ, 2023) ajuda a esclarecer o que é um bom desempenho, fornece informação sobre a aprendizagem, facilita o desenvolvimento da autoavaliação, encoraja o diálogo, motiva o estudante, preenche o espaço entre o desempenho atual e o desejado e fornece informação aos professores.

Todavia o feedback, embora seja culturalmente visto como algo negativo quando temido pela ideia de julgamento, é na verdade uma ferramenta de auxílio para aprimoramento, avaliação das práticas pedagógicas e também um caminho para criação e surgimento de novas possibilidades dessas práticas.

Ao passar por essas experiências, meu imaginário docente foi juntando as partes das experiências e recriando novas possibilidades de ensinar, onde ao mesmo tempo fui aprendendo

ao experimentar, trocando saberes com novas turmas e recriando didáticas. E segundo (MOURAZ, 2023) podemos perceber mudanças positivas e significativas na criação de novas práticas e possibilidades através de um feedback positivo, e essa constatação pode ser percebida por meio da avaliação do processo, ao seu findar.

Nesse artigo trago um exemplo de feedback recebido ao final de uma unidade Curricular, em que foi aplicada uma determinada estratégia pedagógica diferente em que se aplicou em instrumentos de avaliação aos estudantes, no caso leitura de um filme e práticas de produção de exercícios em audiovisual com referência no filme. Esse exemplo, que relata a sequência, foi percebido ao final do processo de criação de algumas aulas em par entre outra colega e eu, num processo didático multidisciplinar: Através do meu primeiro longa-metragem fui selecionada pelo projeto Unbral Fronteiras da UFRGS, para ministrar a oficina “pensar processos de geografia descoloniais a partir das práticas da construção audiovisual” entre 14 de abril e 5 de maio de 2022. A partir da exibição do longa *Vila Santa Thereza*<sup>13</sup>

A formação aconteceu associada ao estágio-docência da doutoranda Daniele Machado Vieira, o tema “Territórios Negros”, com os seguintes objetivos: Utilização do audiovisual como ferramenta pedagógica de análise da geografia social, construção de novas práticas de aprendizagem através do letramento audiovisual. Apresentação de metodologia de construção de um audiovisual para análise de processos de geografias descoloniais, considerando o campo da memória e do patrimônio, a partir do longa metragem apresentado, através da utilização da pedagogia do Inventar com a Diferença, projeto de cinema e direitos humanos da UFF-Niterói. Culminou com a realização de vídeos curtos na temática “Territórios Negros” a partir de uma saída de campo com atividades práticas de audiovisual e educação.

O primeiro encontro foi gravado e está acessível na internet, os alunos assistiram ao filme previamente, no primeiro encontro trouxemos a discussão sobre as leituras e impressões do filme, seguido da apresentação de fragmentos do filme explicando o processo o qual foi

---

<sup>13</sup> Longa metragem resultado de um processo de educação patrimonial, envolve cinema, memória e audiovisual. Trabalho de conclusão de Mestrado em Patrimônio Cultural da UFSM em 2021. Disponível em: <https://www.pontodecultura.pampasemfronteiras.com/santathereza>. Acesso em: 15 jan. 2023, selecionado no Prêmio Primavera Gaúcha pela SEDAC RS (Secretaria de Estado da Cultura do Rio Grande do Sul), através do IECINE (Instituto Estadual de Cinema), foi realizada formação com duração de 20h/a, dentro da disciplina Geografias Descoloniais – Educação para as relações étnico-raciais (GEO0143), do curso de Geografia do Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ministrado pela Professora Doutora Adriana Dorffman.

produzido, foi uma nova aventura na minha experiência docente, direcionar o filme para a temática da geografia e pensar processos descoloniais. A tarefa dos alunos implicava em filmar pequenos vídeos inspirados na referência do filme, utilizando suas abstrações para reinventar seus próprios vídeos para pesquisar sobre territórios negros em Porto Alegre.

Os resultados foram vídeos postados na plataforma do Moodle acadêmico da UFRS. O feedback foi positivo, percebi que o cinema possibilita reinvenções, reinventar-se, afetar e ser afetado, os alunos produziram vídeos distintos e plurais, enviaram e-mails com mensagens positivas sobre a experiência, assim como a professora parceira que também descobriu novas possibilidades pedagógicas.

## O professor da atualidade

Ser professor no século XXI significa reinventar-se, requer reinventar-se, tornar-se e transformar-se diante do modelo de sistema escolar ultrapassado e ao mesmo tempo atravessado por mudanças tecnológicas emergentes. O cenário no campo acadêmico e intelectual implica em discussões, que não são tão recentes, porém potencializadas, principalmente nas universidades.

O audiovisual atualmente é a expressão de linguagem contemporânea da sociedade em que vivemos. Não se pode deixar de citar a internet, pois tratando-se de imagens e sons, a linguagem audiovisual é a que se expressa através de registros da subjetividade imagética, registrar o que acontece em todos os lugares, aqui e em outro lugar ao mesmo tempo no ambiente virtual. E o espaço sala de aula? Como utiliza ou reage a essa realidade? Existe choque cultural entre diferença de idade entre professor e aluno? O que define um professor hoje?

A informação oferecida na internet é extraordinariamente grande, mas não é formação. Exatamente aí é que entra a questão do letramento audiovisual, pois não se trata apenas de registrar e falar sobre, e sim de pensar sobre, usar para entender, aprender com audiovisual. Os alunos já chegam com acesso ao mundo das imagens, é preciso refletir sobre a seleção de dados aos quais são recebidos. Letramento audiovisual é também decifrar essa linguagem. Nessa dimensão de acesso à informação, o ensinar vai para além de reter informação e formar estudantes e professores produzindo conhecimentos, é também organizar o conhecimento que se tem, se propor a troca. Na troca existe a possibilidade de trazer o que interessa o aluno diante

do universo tecnológico e acesso à internet, a trabalhar a partir disso.

A subjetividade está presente na maneira de ver e sentir em cada aprendiz, assim como naquele que ensina. A imagem pode ser o elo do fazer, do compreender, do organizar, valorizando cada um e cada uma, diante do saber e do aprendizado em conjunto. Não é a beleza estética, e sim o conteúdo construído, a imagem captada, pensada e falada.

A docência requer reinvenção, audiovisual é sinônimo de exposição e acesso constante a janelas visuais, que podem ser utilizadas no ambiente de ensino e aprendizagem.

A minha fala parte do lugar de docente que vem da comunicação, alguém que se torna docente, se reinventa como docente. Percebi que para ensinar teria de me comunicar, me fazer entender, assim aprendi.

Me reconheço como docente a partir das experiências e do trajeto formativo que percorro, segundo (JOSSO, 2010) percorrer caminhos das memórias é imprescindível para perceber as experiências que vivi, as quais rememoro, como o teatrinho de sombras na casa da vizinha quando bem pequena, as revistas de quadrinhos da Luluzinha, da Turma da Mônica e da Disney, as fotonovelas da Revista Manchete.

As recordações do primeiro impacto de ir ao cinema com 4 anos e assistir Marcelino Pão e Vinho e Superman, depois os filmes dos Trapalhões, os filmes de Alfred Hitchcock que passavam depois do Fantástico, os filmes do Charlie Chaplin na TVE durante as tardes, são um conjunto de memórias que compõem as raízes do interesse pela linguagem audiovisual, assim como a construção do compreender a narrativa de elaboração dessa linguagem para externalizar a maneira de me comunicar para criar e organizar aulas, metodologias a partir do cinema.

E sem dúvida o projeto Inventar com a Diferença que desperta o meu ser professor, impulsionando realidades de relações em espaços escolares com professores, alunos e comunidades.

Olho também com sensibilidade e afeto para os meus primeiros anos na escola, a admiração por algumas professoras inesquecíveis as quais me supriram de afeto, e que por alguma razão me foram raros na infância, é que também associo a busca da realização em tornar-se docente.

O que caracteriza essencialmente as posições existenciais de vida, estando todas elas misturadas, é a procura da felicidade. As narrativas de vida contam itinerários ao longo dos quais os autores qualificam as suas experiências de vida classificando-as quer em períodos felizes, quer em períodos psíquica ou fisicamente dolorosos (Josso, 2010, p. 116).

Ouso criar um conceito que parte do termo *ecossistema de formação*, no qual entendo estarem imbuídos os seguintes elementos: instituição que é o ambiente escolar, professores, alunos, sociedade, dispositivo e o estrangeiro que é o professor que não vem da área da educação, onde me coloco. O dispositivo e o estrangeiro juntos em um só. Porém todos são atravessados pelo dispositivo, no caso o cinema e a linguagem audiovisual, e como comparado ao que seria uma cadeia alimentar na biologia, onde seres vivos interagem entre si, transferindo matéria e energia por meio de nutrição.

Existe um círculo de troca incessante no que chamo de ecossistema de formação docente, que consiste na transmissão do conhecimento suprida por aprendizagens, criação e produção, e a organização de pensamentos e memórias que transformadas em comunicação, que seria a organização de uma aula. Um processo orgânico, natural e pode se organizar e reorganizar a todo momento, não tendo a obrigação de ser pré-estabelecido e podendo depender das relações entre os seres vivos em comunidade. Desta forma, a transformação em novas práticas que se alteram em reinvenção para ensinar, são resultados das trocas nas relações entre os elementos. Tudo isso retroalimentado no ecossistema convergente de troca de saberes e fazeres, elementos envolvidos no ecossistema.

O ecossistema é possível a partir dos desafios da sobrevivência docente, passei de pequenos encontros em escolas onde aplicava a pedagogia do inventar, a aceitar a ministrar encontros sobre cinema e patrimônio, cinema e fronteira, cinema e sociedade, cinema e geografias descolônias, cinema e transleituradas em línguas adicionais, e o que mais me foi proposto. Do ensino básico a graduação e a pós-graduação fui aceitando os convites e descobrindo novas oportunidades, que implicavam e reinventar o conteúdo e as práticas, sempre tendo o cinema como dispositivo, afetando a mim mesma, afetando outros, e sendo afetada por outros.

Esse ecossistema de formação, implica na transformação constante e na adaptação aos elementos que se encontram nos variados ambientes de ensino, constantemente alimentado por aprender e ensinar. E assim se ensina, aprendendo. Aprender é possível quando nos permitimos estabelecer relações consigo e com os outros para perceber-se como docente e posteriormente entender-se com um docente.

## Considerações finais

Concluo que ensinar é um eterno aventurar-se em constante aprendizagem a abertura para trocas e escutas. Sou uma professora que vem da comunicação, que se propôs ao desafio de ensinar. Aprendi e sigo aprendendo com cinema, aprender não se separa do ensinar e vice-versa. E tal constatação se dá ao observar meu trajeto, aquele que percorri, o que percorro e o que virei a percorrer. Para tanto, é necessária observação constante.

Completo este ensaio ao perceber que o feedback é um apoio importante que assegura a qualidade e o melhoramento pedagógico e das estratégias que utilizo como dispositivo, o cinema e a linguagem audiovisual. Assim como uma é ferramenta importante de análise dos resultados, o feedback contribui para o surgimento de novas ideias, assim como pensar em o que fazer depois da constatação do resultado das práticas, conforme (MOURAZ, 2023).

Avalio que abrir a discussão e reflexão sobre o perfil dos professores que vem da comunicação é importante para considerar inovações pedagógicas do campo da educação e multidisciplinaridade, assim como a valorização do cinema da educação, desde que não confundido com mero entretenimento. O feedback assegura o que afirmo ser a expressão ecossistema de formação docente, que pode se assemelhar ao que (JOSSO, 2010) conceitua como recordação-referência, que irá adequar-se como experiência formadora, utilizando o que for compreendido dali em diante como uma informação ou referência para outras situações semelhantes que vierem a suceder, no sentido de nutrir-se e continuar desenvolvendo no processo de formação docente.

Ao finalizar, acredito que a reflexão não se encerra. É preciso repensar e levantar hipóteses sobre aceitação de novas metodologias que envolvam práticas docentes com linguagem audiovisual e cinema nas escolas, nas universidades. Tais práticas seriam difíceis de ser aceitas no currículo?

## Referências

- ALMEIDA, Maria do Carmo Souza de. **Prática educomunicativa com o cinema nas licenciaturas**. 2014. 189 p. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2014.
- ALVEZ, Dayane. Cinema e educação: projeto da UFF aproxima Brasil e América Latina. In: UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE. **Notícias**. Niterói, RJ: UFF, 2017. Disponível em: <https://www.uff.br/?q=noticias/08-06-2017/cinema-e-educacao-projeto-da-uff-aproxima-brasil-e-america-latina>. Acesso em: 15 jan. 2023.
- BERGALA, Alain. **A hipótese-cinema**. Pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola. Rio de Janeiro, RJ: Booklink - CINEADLISE-FE/UFRJ, 2008.
- BRANCHER, Vantoir Roberto, OLIVEIRA, Valeska Fortes de: **Formação de Professores em Tempos de Incerteza Imaginários, narrativas e processos autoformadores**. Anhangabaú - Jundiaí-SP:Editorial Paco, 2017.
- COUTINHO, Alves Mario; SOUTTO, Ana Lúcia. **Godard e a educação**. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2013.
- HATTIE, John; TIMPERLEY, Helen. The power of Feedback. **Review of Educational Research**. Universidade de Auckland, março de 2007, vol. 77, nº 1, pp. 81–112. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.3102/003465430298487>. Acesso em: 15 jan. 2023.
- JOSSO, Marie-Christine. **Caminhar para si**. Porto Alegre, RS: EdiPUCRS. 2010.
- JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de Vida e Formação**. Rio Grande do Norte/São Paulo: EDUFRN/Paulus, 2010.
- MIGLIORIN, Cezar [et al]. **Cadernos de Inventar: cinema, educação e direitos humanos**. Niterói RJ: EDG, 2016.
- MOURAZ, Ana. Re-valorizar o feedback como estratégia para reinventar a docência no ensino superior. **Seminário Reinventar a docência**. Universidade Federal de Santa Maria (Brasil). 12 de janeiro de 2023. Disponível em: [https://meet.google.com/yed-obrx-gqn;https://ead06.proj.ufsm.br/pluginfile.php/4369937/mod\\_resource/content/1/revalorizar%20o%20feedback%20no%20ensino%20superior%20uni%20st%20maria.pdf](https://meet.google.com/yed-obrx-gqn;https://ead06.proj.ufsm.br/pluginfile.php/4369937/mod_resource/content/1/revalorizar%20o%20feedback%20no%20ensino%20superior%20uni%20st%20maria.pdf). Acesso em: 15 jan. 2023.
- NÓVOA, Antonio. Conhecimento profissional docente e formação de professores. **Revista Brasileira de Educação** v. 27 e270129. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/TBsRtWkP7hx9ZZNWywbLjny/citation/>. Acesso em: 15 jan. 2023.



SANTÀNNA, Armando. **Propaganda, teoria, técnica e prática**. São Paulo, SP: Editora Pioneira, 1999.

SOUTO, Marta. **URI: Grupos y dispositivos de formación**. Buenos Aires: Editora Novedades Educativas, 2005.

VASCONCELLOS, V. A. S.; OLIVEIRA, V. F. Experiências estéticas na docência: o cinema como dispositivo formativo. **Linhas Críticas**, Brasília, DF, v.20, n.42, p. 405-420, mai./ago. 2014.

Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/4322>. Acesso em: 15jan. 2023.